

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Bandarra
Trovas



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Bandarra

Trovas

Adaptação ortográfica e revisão gráfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1603?.

**Gonçalo Annes Bandarra
(1500 – 1556)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 554



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Bandarra: “Trovas”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	1
PRÓLOGO.....	2
AOS VERDADEIROS PORTUGUESES DEVOTOS DO ENCOBERTO.....	6
A QUEM LER.....	9
TROVAS DO BANDARRA.....	11
TROVAS NUNCA IMPRESSAS.....	42

TROVAS DO BANDARRA

NATURAL DA VILA DE TRANCOSO

APURADAS E IMPRESSAS POR ORDEM DE UM GRANDE SENHOR DE PORTUGAL.

Oferecidas aos verdadeiros Portugueses devotos do Encoberto.

A que se ajuntam mais algumas nunca até ao presente impressas.

BARCELONA: M.DCCIX.

*Na mesma confusão, e nos tumultos
Deixa, que por teu Rei vitórias cantem,
Que de quanto o Sol vê, Netuno abarca
Será contigo Universal Monarca.
Bocarr. Anacefal. Out. 126.*

PRÓLOGO

Na presente Edição houve unicamente a tenção de satisfazer aos desejos, e cuidadoso empenho dos que buscam haver estas Profecias, e conservar delas a todo custo um exemplar incorrupto. Isto procuramos com a maior diligência, referindo nos escrupulosamente, e com toda a pontualidade à que se publicou em Nantes em o ano de 1644, por Guilelino do Monier, Impressor del-Rei; e não se encontrará mudança, nem a menor alteração em acrescentamento, ou falta, porque; tudo vai como nela está, por exceção de alguns poucos, e leves descuidos da impressão, que pareceu acertado emendar. E em quanto às inéditas, que ajuntamos no fim, por nos serem requeridas de alguns sujeitos, seguimos as melhores, e mais apuradas copias, de quantas buscamos com curiosidade, e pudemos descobrir, preferindo sempre as mais antigas, e que conservadas pela tradição continuada reputamos por mais fidedignas, além de nos serem comunicadas por pessoas graves, e de autoridade, que as guardam em vários livros de curiosidades antigas. Todas as que aqui vão temos por verdadeiras, e tão suas, e merecedoras de estimação como as impressas; pois no tom, e maneira de enunciar as cousas, que revela, assim como na locução, e estilo em nada se diferenciam delas.

Pelo que toca ao seu Autor, bem conhecido é o seu nome, assim como a bem merecida reputação, e crédito que tem entre todos por estas suas mesmas Profecias tão decantadas como cheias de mistério, e verdadeiras; que ninguém há que dele, e delas faça menção, sem que seja fazendo lhes conciliar o grande respeito, e veneração, que se lhes deve. De sua vida nenhuma cousa aqui há que dizer, podendo se dizer muitas, porque ninguém de quantos leem estes escritos a ignora; a anda em muitos livros, que todos podem haver mui facilmente. Foi ele o Nostradamus dos Portugueses, como antigas memórias nos certificam, no tempo del-Rei D. João o III. de Portugal, e porventura ainda mais célebre por seus ditos, maravilhosos vaticínios, e prognósticos, do que foi aquele, e pelos mesmos anos na França; porque se com particular distinção obteve este os cumprimentos de Henrique II., e da Rainha Catharina de Medicis, sua mulher, e de seus filhos; as honras, e estimações do Duque de Saboia Manoel Feliberto, e da Duquesa Margarida de França; e os presentes de Carlos IX. mereceu o nosso os aplausos de uma Nação inteira assim de grandes como pequenos, de ilustres, e plebeus, sábios, e indiscretos, e continuados por tamanho espaço, quanto vai desde quando viveu até nossos tempos, e sempre o será, em quanto o Mundo durar, que tanto há de viver na memória dos homens.

Assim o sentiu aquele raro engenho, e o mais acreditado Pregador o P. Antônio Vieira, consagrando lhe particular afeto, e chegando a afirmar, que era mui grande, e mui alumiado Profeta. Antônio de Souza de Macedo faz dele particular memória por estas palavras na Lusitania Liberata a pag. 735. —

"Regnante in Lusitania Joane 3º. ano Domini 1550. in nobili opido Trancoso decessit celebr Gondçalus Anes Bandarra, qui decantatos à multis anis reliquit versus de Lusitanis eventibus, quorum, ultra nostros, meminit D. Joanes de Horosco, Castelanus in tract, de Vera, et Falsa Prophet. cap. 24." O lugar apontado de D. João de Horosco não é do cap. 24., como ali está, mas do cap. 14. do Liv. I., onde a pag. 38. diz assim. — "Y desta manera tuve io notícia de un çapatero en Portugal, que fue tenido por Profeta." E na glosa marginal acrescenta. — "Este çapatero de Portugal fue en Trancoso dicho Bandarra, y avra este año de 88. quarenta y seis que morio." — Mas é de advertir, que nem um, nem outra acertou no ano da morte de Bandarra, que, conforme escreveu Barbosa Machado na sua Bibliot. Lusitana, foi depois de 1556. São também dignos de ver se nos elogios, que lhe tributam D. Nicolau Monteiro, Vox Turtur., o P. Vasconcelos no seu admirável Livro da Restauraç. de Portugal, e outros, que aponta o mesmo Barboza.

Resta antes de concluir mos em agradecimento fazer neste lugar honrada memória de dois consumados varões, que muito contribuíram para glória do nosso Autor. Seja o primeiro D. Vasco Luiz da Gama, V. Conde da Vidigueira, e I. Marquez de Niza, a quem se deve aquela Edição de Nantes, e nela se diz somente ser por um grande Senhor de Portugal; e verdadeiramente foi notado de mui nobres, e excelentes qualidades, por onde se faz credor de grandíssimos elogios. Ocupou mui altos empregos, como o de Almirante do Mar da Índia, Deputado da Junta dos três Estados, e do Despacho das Juntas na Regência da Rainha D. Luiza, e de seus filhos os Reis D. Afonso VI., e D. Pedro II. sendo Regente, Vedor da Fazenda dos ditos Reis, e Estribeiro Mor da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia. Foi Comendador na Ordem de Cristo, e do Conselho de Estado, e Guerra, e duas vezes Embaixador a França por El Rei D. João IV., a primeira em 1642, e a segunda em 1646, em que mostrou discricção, prudência e zelo do bem do Reino, a ultimamente a Roma em obediência aos Papas Urbano VIII., e Inocência X. Na Paz, que se celebrou deste Reino com Castela em 1668. teve muita parte, sendo um dos Plenipotenciários para ela eleito, em que se houve com muita circunspecção.

O outro é D. Álvaro de Abranches da Câmera, que antes lhe havia mandado levantar novo sepulcro com seu Epitáfio na Igreja de S. Pedro da Vila de Trancozo, trasladando seus ossos de outra baixa, e humilde, em que jazia, e fazendo lhe insculpir por divisa na pedra os instrumentos do ofício de sapateiro, que ele havia exercitado. Esta grande honra havia o mesmo Bandarra profetizado nas Quadras 8 e 9 do. III. Corpo das Trovas, Sonho I. por estas misteriosas palavras:

8.

*Vejo, mas não sei se vejo,
O certo é, que me cheira,*

*Que me vem honrar à Beira
Um Grande do pé do Tejo.*

9.

*Formas, cabos, e sovelas
Lavradinhas com primor
Mandareis abrir, Senhor,
Muitos folgaram de vê-las.*

Ali tão somente lhe chama, e assim o dá a conhecer, "Um Grande do pé do Tejo:" e sem dúvida foi ele um dos mais ilustres, e acreditados Fidalgos da Corte no seu tempo. Era filho de D. Francisco da Câmera Coutinho, Comendador de S. João da Castanheira na Ordem de Cristo e D. Guimar de Abranches; e neto pela parte paterna de Rui Gonçalves da Câmera, Capitão Donatário da Ilha de S. Miguel, I. Conde de Vila Franca, e de D. Joana de Blaisvelt, da Casa dos Condes de Redondo, e pela mãe de D. João de Abranches de Almada, e de sua segunda mulher D. Antônia de Souza. A tamanha nobreza uniu muitos merecimentos, adquiridos por seus serviços. Deve-se a seu singular espírito, e valor a liberdade da Pátria na gloriosa Aclamação del-Rei D. João IV., sendo um daqueles ilustres Fidalgos, que para ela sobre maneira concorreu, arvorando a Bandeira da Cidade, recobrando o Castelo de Lisboa, e soltando alguns, que ali se achavam presos, com outras muitas ações de lealdade, e heroico desinteresse, que serão de exemplo à posteridade. Foi Comendador de S. João da Castanheira, Senhor dos Morgados de Abranches, e Almadás, Conselheiro de Estado, Mestre de Campo General da Estremadura, e por duas vezes Governador das Armas da Província da Beira. E porque digamos tudo para seu completo elogio, foi casado com D. Maria de Lencastre, da Casa dos Barões, hoje Marqueses de Alvito, e dela houve a D. Madalena de Lencastre e Abranches, I. Condessa de Valadares, mulher do Conde D. Miguel Luiz de Menezes, e D. Guimar de Lencastre, que foi mãe de Tristão da Cunha de Ataíde, I. Conde de Povolide, e de Nuno da Cunha de Ataíde, Inquisidor Geral destes Reinos, e Cardial da Santa Igreja de Roma do título de S. Anastácia, por quem se transmitiu o Segundo Corpo das Trovas inéditas, que agora damos. Dele se lembra o P. Nicolau da Maia na Relação daquela Aclamação que publicou em 1641. Salgad. de Araujo, Sucess. Militar. Liv. III., cap. 30, e seg., O Conde da Ericeira, Portug. Restaurad. P. I. nos Liv. 2. 4. 7. 8., Souz. Hist., Genealog. da Casa Real, Liv. VII. cap. I. Castro, Map. de Portugal, P. IV. cap. 4. e outros.

A honra de mandar levantar a Bandarra o sepulchro, que acima dizemos, e por que se lhe deve esta sua memória, refere o mesmo Antônio de Souza de Macedo na sobredita Lusitânia Liberat., e lugar apontado a pag. 736., e damos as suas mesmas palavras: — "Ano 1641. D. Alvarus de Abranches, provinciae Beirae Generalis, hujus viri humile sepulchrum in portico Ecclesiae S. Petri dicti opidi Trancoso, elevavit honorifice nobili epitafio; et Rex postea, capela boni

reditu ejus donavit nepotem; ac merito, nam si Nabuchodonosor, et Cyrus remunerarunt Hieremiam, et Isaiam quod pro eis prophetaverint; et magnus Alexander, in gratiam Danielis prophetisantes vitórias ejus, adoravit Jaddum sumum Pontificem Hierosolimae; à fortiori Christianissimus Princeps Alexandro maior generosam gratificationem debebat ostendere."

AOS VERDADEIROS PORTUGUESES DEVOTOS DO ENCOBERTO

Dívida é forçosa, Senhores, oferecer vos o amor da Pátria esta insigne, e misteriosa obra: porque se seu Autor fora vivo neste venturoso tempo assim o fizera em satisfação de tão dilatadas esperanças, que por mais de sessenta anos alentaram o ânimo daqueles, que com tanta razão, e justiça desejavam, que a Real Coroa de Portugal tornasse a ilustrar a cabeça de Príncipe natural, e verdadeiro. Tudo merece uma firme, e longa esperança pois não há cousa que mais custe, e atormente. Assim o afirma Estácio no Livro I.

...."*Spes anxia mentem
Extraít, et longo consumit gaudia voto.*"

Também se vos oferece nestas Trovas do Bandarra uma verdade cumprida para recompensa de vossos desejos contínuos, merecedores sempre de desempenhos grandes, quais são as certas posses de esperanças continuas. Para sua maior estimação é precisamente necessário o conhecimento, e notícia do sazonado fruto que se possui, procedido da flor do que se esperou: porque não há amar sem conhecer diz o Príncipe da Filosofia: *Nihil volitum, quin praecognitum*. O Libertador do nosso cativo, o remédio de nossos males, o descanso, de nossos trabalhos é o Rei Encoberto, de quem trata Bandarra, e a quem tomou por assunto, e por objeto de seus versos, como neles se vê, e particularmente na Estância LXXII. dizendo:

*Este Rei tão excelente,
De quem tomei minha teima.*

Val o mesmo que dizer: Deste Rei trato somente, dele escrevo, posto que as figuras, e ações sejam muitas, e diferentes. O teimoso sempre porfia, e teima: assim Bandarra sempre fala neste Rei, ao qual chama o Encoberto, como consta do Verso LXXV. falando do Porco, que fará fugir para o deserto:

*Demonstra que vai ferido
Desse bom Rei Encoberto.*

A este Rei Encoberto atribui seis propriedades, e sinais, quais são os seguintes: O Primeiro, O Rei novo é alevantado. Verso LXXXVII., diz, que é Rei novo. O Segundo, que será Rei eleito, e não só por sucessão. Verso C. O Rei novo é escolhido, e elegido. O Terceiro, que é Infante, como se lê no Verso LXXXVIII. Saia, saia esse Infante, bem andante. O Quarto, que se chamará D. João, Verso LXXXVIII.: O seu nome é D, João, nome, de que tanto gostou o Autor, que seis vezes fala nele, como se vê nos Versos XXV. XXXVIII. XLIV. LV. LXXXVIII. XCIII. O Quinto, que terá um irmão bom Capitão, Verso CII.: Este Rei tem um irmão bom

Capitão. Diz ultimamente, que este Rei será aclamado, e alevantado, quando se cerrarem os quarenta anos, como consta do Verso LXXXVII.:

*Já se cerram os quarenta
Que se e[m]menta
Por um Doutor já passado:
O Rei novo é alevantado.*

Todos estes sinais evidentemente convém só a El Rei D. João IV., nosso Senhor, o qual é Rei novo, porque antes não reinava, posto que era Rei de juro. Rei elegido foi pela comum inspiração, e geral aclamação de todo o Reino; Infante era também, porque os Príncipes de Bragança são Infantes, como também por bisneto do Infante D. Duarte, filho nono do Senhor Rei D. Manoel. Chama se além disto D. João. Tem um irmão valoroso Capitão qual é o Senhor Infante D. Duarte, que Deus livre. A eleição, ou comum inspiração, e aclamação (que tudo é o mesmo conforme a Direito) foi quando cerravam quarenta anos, pois foi Sábado (e havia de ser Sábado) dia sétimo, em que Deus descansou da criação do Universo, como em mistério, e em sinal, que nossas aflições o cansaram, e que descansava com o Rei, que naquele dia nos deu para nosso descanso liberdade; pois o dia em que primeiro descansou foi, como se sabe Sábado. Assim nos restituiu o nosso legítimo Rei Sábado primeiro dia de Dezembro, mês em que cerrou o ano de 1640.

Conclui se logo com toda a certeza, e moral evidência, que El Rei D. João o IV., nosso Senhor é o esperado, e tão desejado Rei Encoberto, de quem Santo Isidoro falou na era de 636., escrevendo muitas cousas futuras de Espanha[1], e Bandarra tantas vezes repetiu. Não há mais esperar outro Encoberto; porque é cousa vã, e aérea; e o mesmo Rei de Castela chamou a El Rei, nosso Senhor Encoberto duas vezes, quando antes de ser Rei o mandou governar às armas de Portugal à Vila de Almada, em a Carta dizia fosse encoberto; e pois os sinais, que dele se apontam de nenhuma maneira convém a El Rei D. Sebastião, nem é Rei novo mas velho; não foi Rei de eleição senão de sucessão, e que nasceu Rei, porque não se chamava João, nem teve outro irmão bom Capitão. Conheçam logo todos esta clara verdade; e farão toda a devida estimação das Trovas do celebrado Bandarra, que neste particular já vemos desempenhadas, e cumpridas.

Estas Profecias de Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilha, de que aqui fala, em que vaticinou sucessos de Castela, podem ler se na Ressurreição de Portugal por Fernão Homem, que também foi impressa em Nantes pelo mesmo impressor Guilermo do Monier; e aí se diz foram tiradas de um Livro, que se havia impresso em Valença no ano de 1520., e que andavam nas lições de sua vida no Breviário Dominicano, e em outros. O ano de 636., que também aqui se a ponta,

foi o mesmo da morte deste Santo Prelado, mui esclarecido pelo zelo da Fe, e inteireza da disciplina Eclesiástica.

VALETE

A QUEM LER

Foi Gonçaleanes Bandarra (Benevolo Leitor) um oficial de sapateiro de calçado de correia, homem de boa vida, o qual viveu na antiga Vila de Trancoso do Bispado da Guarda. Passou sempre pobrememente, e sem mais cabedal, que a limitado de seu ofício, que naqueles lugares não costuma ser muito. Concorreu nos tempos do Rei D. João o III. de Portugal. As suas Trovas, que compôs no ano de 1540 pouco mais ou menos, foram sempre tão recebidas, e celebradas, que não necessitam de maiores abonações que as do tempo que tanto as acredita. E se também as faz muito estimadas o oferecê-las seu Autor ao Ilustríssimo Bispo da Guarda D. João de Portugal, que Deus tem, mais o devem ser hoje assim pelos efeitos mostrarem sua verdade como pelas mandar imprimir um Príncipe Português grande, e excelente. Ação na verdade descobridora do fino amor de Rei, e do zelo do bem do Reino (que vivem em seu nobre, e fiel peito) cujas principiadas glórias faz estampar, para que sejam notórias, e perpétuas. Estas canta o célebre Bandarra em seus grosseiros, mas misteriosos Versos, a quem o entendimento aplica mais autorizado título que o curto, que se permite à pena. Muito se pode sentir, mas nem tudo se pode dizer particularmente em matérias, que pedem aprovação do Supremo Tribunal.

Esta Dedicatória a D. João de Portugal, Bispo da Guarda é o documento mais certo da morte de Bandarra suceder depois do ano de 1556, porque só neste podia ser feita, que foi o primeiro em que aquele Prelado foi provido naquela Diocese, e confirmado pelo Pontífice Paulo IV., e ainda no ano seguinte é que tomou posse. Foi mui exemplar por suas virtudes, como lhe chama Bandarra, não menos do que era mui distinto por sua nobreza como ramo florescente dos primeiros Condes de Vimioso. A heroica paciência, com que sofreu ser despojado da sua dignidade Episcopal, e recluso em um Mosteiro, depois da infausta jornada do nosso Augustíssimo REI o Senhor D. Sebastião nosso Senhor, fará em todo o tempo sempre ilustre o seu nome, e mui acreditada a sua memória.

Grandes injúrias tem feito o dilatado tempo de mais de cem anos às Trovas do Bandarra: uma vez viciando as com a corrupção; outra acrescentando as; outra diminuindo as. Para ficar só o grão, e deitar fora do tabuleiro o joio, e a ervilhaca foi necessário (e não com pouca indústria) buscar as mais antigas copias, das quais a de menor idade é de oitenta anos, nas mãos de pessoas inteligentes, e fidedignas, com as quais se apurou esta, que sai à luz, e ficará às escuras a imensa multidão de treslados destas Trovas, todos viciados, e corruptos: pois não havia pessoa, que não tivesse um Bandarra a seu modo. Vão os Versos numerados, e rubricados para maior clareza, e distinção. Deve se porém advertir um grande mistério, que está no Verso LXXXVIII. aonde diz. — O seu nome é D. João. — Liam muitos. — O seu nome é de D. João; — mas os mais

antigos usavam de uma letra I, que parecia ser a letra F. Quis Deus, por nosso bem, que no ler houvesse diferenças.

VALE.

TROVAS DO BANDARRA

DEDICATÓRIA DO AUTOR

A Dom João de Portugal Bispo da Guarda.
Ilustríssimo Senhor,
De Virtudes mui perfeito,
Vós deveis de ser eleito
De todas as Leis dador.
Deus vos deu tanto primor,
Que não se acha em vossa marca
Mais subido Patriarca,
De nobre Gente Pastor.
Determinei de escrever
A minha sapataria:
Por ver Vossa Senhoria
O que sai de meu cozer.
Que me quero entremeter
Nesta obra, que ofereço
Porque saibam o que conheço,
E quanto mais posso fazer.
Sairá de meu cozer
Tanta obra de lavoires,
Que folguem muitos Senhores
De a calçar, e trazer.
E quero entremeter
Laços em obra grosseira,
Quem tiver boa maneira
Folgará muito de aver.
Cozo com linho assedado,
Encerado a cada ponto;
Cozo meudo sem conto,
Que assim o quer o calçado.
Se vier algum avisado
Requerer algumas solas,
Eu as corto sem bitolas,
E logo vai sobressolado.
Também sou oficial:
Às vezes cozo com vira,
E sei bem como se tira
O ganho do cabedal.
Se vier algum zombar

Fazer me qualquer pergunta,
Dir-lhe-ei, como se ajunta
A agulha com o dedal.
Minha obra é mui segura
Porque a mais é de correia,
Se a alguém parecer feia,
Não entende de costura.
Eu faço obra de dura,
E não ando pela rama,
Conheço bem a courama,
Que convém à criatura.
Sei medir, e sei talhar,
Sem que vos assim pareça:
Tudo tenho na cabeça,
Se o eu quiser usar.
E quem o quiser grosar,
Olhe bem a minha obra,
Achará, que inda me sobra
Dois cabos para ajuntar.
Sempre ando ocupado
Por fazer minha obra boa,
Se eu vivera em Lisboa,
Eu fora mais estimado.
Contente sou, e pagado
De lançar um só remendo,
Inda que este remoendo,
Não me toquem no calçado.

SENTE BANDARRA AS MALDADES DO MUNDO, E PARTICULARMENTE AS DE PORTUGAL

I
Como nas Alcaçarias
Andam os couros às voltas,
Assim vejo grandes revoltas
Agora nas Clerezias.

II
Porque usam de Simonias
E adoram os dinheiros,
As Igrejas, pardieiros,
Os corporais por mais vias.

III

O sumagre com a cal
Faz os couros ser mociços,
Ah! quantos há maus noviços
Nessa Ordem Episcopal.

IV

Porque vai de mal a mal
Sem ordem nem regimento,
Quebrantam o mandamento,
Cumprem o mais venial.

V

Também sou Oficial
Sei um pouco de cortiça
Não vejo fazer justiça
A todo o Mundo em geral.

VI

Que agora a cada qual
Sem letras fazem Doutores,
Vejo muitos julgadores,
Que não sabem bem, nem mal.

VII

Borzeguins para calçar
Hão de ser de cordovães,
Notários, Tabeliães
Tem o tento em apanhar.

VIII

Vê-los-eis a porfiar
Sobre um pobre ceitil,
E rapar vos por um mil
Se vo-los podem rapar.

IX

Também sei algo brunir
Quaisquer laços de lavoires:
Bacharéis, Procuradores
Aí vai o perseguir.

X

E quando lhe vão pedir

Conselho os demandões,
Como lhe faltam tostões,
Não os querem mais ouvir.

XI

Há de ser bem assentada
A obra dos chapins largos,
A linhagem dos Fidalgos
Por dinheiro é trocada.

XII

Vejo tanta misturada
Sem haver chefe que mande;
Como quereis, que a cura ande,
Se a ferida está danada?

XIII

Tenho uma gentil sovela,
Com que cozo mui direito:
Se a mulher não desse jeito,
Não olhariam para ela.

XIV

Em que seja uma donzela
Nobre, casta e oradora
Ela é a causadora,
Do que acontecer por ela.

XV

Sei também mui bem cozer
Uns borzequins Cordovezes;
Todos os trajos Franceses
Quem quer os quer já trazer.

XVI

Os que não tem que comer
Fazem trajos mui prezados,
Ficam pobres, Lazarados
Por outros enriquecer.

SONHO PRIMEIRO

Que finge a modo Pastoril.

XVII

Vejo, vejo; direi, vejo,
Agora que estou sonhando,
Semente del-Rei Fernando
Fazer um grande despejo.

XVIII

E seguir com grão desejo,
E deixar a sua vinha,
E dizer esta casa é minha
Agora que cá me vejo.

XIX

A cerca dos Grecianos
Corrê-la hão os Latinos,
Serão contrários os signos
A todos os Arrianos.

XX

Também os Venezianos
Com as riquezas que tem,
Virá o Rei de Salém
Julgá-los há por mundanos.

XXI

Já os lobos são ajuntados
Da láctea na montanha,
Os gados tem degolados,
E muitos alobegados,
Fazendo grande façanha.

XXII

O Pastor mor se assanha:
Já ajunta seus ovelheiros,
E esperta sua campanha
Com muita força, e manha
Correrá os pegureiros.

XXIII

Depois já de apercebidos,
E as montanhas salteadas
Por homens muito sabidos,
E pastores mui escolhidos,

Que sabem bem as pisadas.

XXIV

Armar lhe hão nas passadas
Trampas, cepos de azeiros,
Atalaias nas estradas,
E bestas nas ameijoadas
Com tiros muito ligeiros.

FIGURAS DO SONHO

XXV

Virá o Grande Pastor,
Que se erguerá primeiro,
E Fernando tangedor,
E Pedro bom bailador,
E João bom ovelheiro.

XXVI

E depois um Estrangeiro,
E Rodoam que esquecia,
E o nobre pastor Garcia,
E Andre mui verdadeiro:
Entraram com alegria.

PASTOR MOR

XXVII

Aquela vaca, que berra,
Porque está assim berrando?

ANDRÉ

XXVIII

É porque desce da serra,
Não conhece bem a terra,
E por isso está bramando.

XXIX

Esta é a vaca, Fernando,
Mai do grão touro fuscado,
Que não se acha neste bando,
Tem razão de estar berrando,
Que não sabe onde é lançado.

PASTOR MOR

XXX

Ajunte se o vacum
Aqui neste verde prado,
E também o ovelhum,
E conte o seu cada um,
Ver se há a quem falta gado.

PEDRO

XXXI

Todo já tendes contado,
Do vacum achamos menos;
Um touro esmadrigado,
E um fusco, que era rosado;
Do ovelhum nada sabemos.

PASTOR MOR

XXXII

Oh! que dor do coração!
Oh! que dor! Oh! que pesar!
Oh! que grão tribulação!
Arredemos a paixão,
Pois se não pode cobrar.

XXXIII

Seus filhos devemos criar,
Os quais mui bem guardaremos,
Ficaram em seu lugar,
Tudo lhe havemos de dar
Pelo bem, que lhe queremos.

XXXIV

Por honra de tal memória
Não haja aqui mais tristura,
Antes cantemos com glória,
Que fique sempre em memória
Aprovando a Escritura.

XXXV

Pois se cumpre a figura,
E nós outros bem o vemos:
Pois que já tudo se apura,
Ao Senhor da altura
Com prazer mil graças demos.

XXXVI

Tanja se a fruta maior,
Ajunta se todo o rebanho,
E eu como vosso Pastor,
Com mui grão sobra de amor
Vamos a partir o ganho.

XXXVII

Tudo nos é sufraganho
Montes, vales, e pastores,
E repunham os bailadores,
Que não entre aqui estranho.

XXXVIII

Fernando tanja a guitarra,
Tu, João, o arrabil,
Pousa teu surrão, e vara,
Alegra bem tua cara
Em tal bailo pastoril.

XXXIX

E Pedro, que é mais subtil
Entre, e baile com Florença,
Já que é dama gentil,
É mui bem que lhe pertença.

XL

Andre baile com Pascoala,
E venha após a primeira,
Antes de meter mais fala
Entre, e baile esta Zagala,
Em que sempre é referteira.

XLI

Sempre foi mui agoureira
Com os estranhos dançar
E pois está tão cantadeira,
Não seja ela a derradeira,
Venha logo a bailar.

XLII

Há de ser mui de louvar
Este auto, que aqui temos,

E a todo o que bailar
Hão lhe mui bem de pagar,
E assim lho prometemos.

XLIII

Sus! antes de mais extremos
Baile Fernando, e Constança,
E pois que tudo já vemos,
Pelo bem que lhe queremos
Seja ele o mestre de dança.

XLIV

João, o bom Ovelheiro,
Sempre foi nobre Pastor,
Não se conte derradeiro,
Pois é igual ao primeiro,
Este baile com Leonor.

XLV

Sempre foi bom guardador
Do gado, que lhe entregaram,
Mui grande acometedor,
E mui grande corredor
Dos lobos, que o acoçaram.

XLVI

Por não ficar em olvido
O nobre Pastor Garcia,
Que sempre foi atrevido,
E de nós muito querido,
Este baile com Mécia.

XLVII

Pois é de alta valia,
Demos lhe outro montado,
O monte que reluzia,
Aonde faça a bailia,
E paste bem o seu gado.

RODOAM

XLVIII

Todos já tendes partido,
Todos os montados dais,
Eu que fui de vós querido,

E dos lobos mui ferido,
De mim já vos não lembrais?

PASTOR MOR

XLIX

Ainda fica mais, e mais,
Vossos gados pastaram,
Ficam terras de chão tais
Os vales, e piornais,
Tudo vos dou, Rodoam.

L

Também ficam umas ladeiras
De ervas mui saboridas,
Donde saem umas ribeiras,
Que regam muitas lameiras
Com águas esclarecidas.

LI

Aquelas serras erguidas,
Onde está a nobre montanha,
Pois por nós foram havidas,
E até agora perdidas,
Fiquem a toda a campanha.

LII

Aquele vale de alem
É o vale de primor,
É o vale de Salém,
Onde acho que muitos tem
Grande virtude, e valor.

GARCIA

LIII

Mataram o grão Pastor,
Por inveja o mataram:
Porque era bom guardador,
Das ovelhas bom criador;
Por cobiça o acabaram.

FERNANDO

LIV

Os bailos são acabados,

Senhor, vamos a jantar,
Que dos trabalhos passados
Muitos há aqui desmaiados,
Que convém de repousar.

LV

Se algo lhe quereis dar,
Sobre mesa lho daremos,
Onde bem pode mandar,
E o seu gado bem pastar,
Que assim por bem o temos.
Cai no bailo de João.

PEDRO

LVI

Também lá naquela altura
Está um lobo uivando,
E no meio da espessura
Um bufo está bufando,
E um mocho está cantando,
E Andre está sentindo
Não bailar como Fernando.

JOÃO

LVII

Também Pedro, por quem procuro,
É um barão singular,
Que no claro, e no escuro
Sempre bailou mui seguro,
E há de ficar sem lhe dar?

PASTOR MOR

LVIII

Pois vá o ele cercar,
E far-lhe-ão grandes danos;
E-lo-emos ajudar,
Até poder sujeitar
Os cavalos Marianos.

LIX

Ao redor da grão cabana
Naqueles montes erguidos,
No vale que se diz Cana,
Ouvimos esta semana,

Lobos que andam fugidos,
Dando grandes alaridos,
Fazendo grande agonia,
Muitos mortos, e feridos,
E outros andam perdidos.
Caem no bailo de Garcia.

PASTOR MOR

LX

Quem mete ao estrangeiro
Cá no meu nobre assento,
Pois o defendi primeiro,
Pois que do meu vencimento
Lhe pesa mui por inteiro?

ESTRANGEIRO

LXI

Em que vos hei ofendido,
E de mim sois anojado?

PASTOR MOR

LXII

É porque te hei requerido,
Mil vezes cometido,
E tu sempre desmandado:
E porque estás abraçado
Com os meus competidores,
E com eles aliado,
Não mereces ter montado
Com estes nobres Pastores.

LXIII

Tu me há sido revel
Contra os meus ovelheiros,
Abraçado com Babel
Mui descrido, e cruel,
Contra os meus pegureiros.
Minhas ovelhas, carneiros
Não lhe tinhas lealdade,
Degolavas meus cordeiros,
Derrubavas meus chiqueiros,
Negavas-me a verdade.

ANDRE

LXIV

E vos, Pastor, mui embora,
Grande mercê nos fareis.
Que vos vades logo essa hora,
E depois que fordes fora,
Alguma razão tereis.

JOÃO

LXV

Por aqui vos saíreis,
Mentes o Pastor dá volta,
Que depois não podereis,
E quicais nos metereis
Nalguma grande revolta.

FERNANDO

LXVI

Não te queiras mais deter,
Busca jogos, e harmonias,
Por onde tomes alegrias,
Antes que hajam de volver.
Oh! Senhor, tomai prazer,
Que o grão Porco selvagem
Se vem já de seu querer,
Meter em vosso poder
Com seus portos, se passagem.

LXVII

Em os campos de Tropé
Vossa fruta tangereis,
E nos campos de Godofré,
E nas terras de Tomé
Todos nelas bailareis,
Com os filhos de Ulisse,
Que gostam nosso tanger.
Nenhum porco roncará,
Nenhum lobo uivará
Senão por vosso querer.

**PROGNÓSTICA O AUTOR OS MALES DE PORTUGAL, CANTA SUAS GLÓRIAS
COM A ACLAMAÇÃO DO REI ENCOBERTO**

LXVIII

Forte nome é Portugal,
Um nome tão excelente,
É Rei do cabo poente,
Sobre todos principal.
Não se acha vosso igual
Rei de tal merecimento:
Não se acha, segundo sento,
Do Poente ao Oriental.

LXIX

Portugal é nome inteiro,
Nome de macho, se queres:
Os outros Reinos mulheres,
Como ferro sem azeiro;
E senão olha primeiro,
Portugal tem a fronteira,
Todos mudam a carreira
Com medo do seu rafeiro.

LXX

Portugal tem a bandeira
Com cinco Quinas no meio,
E segundo vejo, e creio,
Este é a cabeceira,
E porá sua cimeira,
Que em Calvário lhe foi dada,
E será Rei de manada
Que vem de longa carreira.

LXXI

Este Rei tem tal nobreza,
Qual eu nunca vi em Rei:
Este guarda bem a lei
Da justiça, e da grandeza.
Senhoreia Sua Alteza
Todos os portos, e viagens,
Porque é Rei das passagens
Do Mar, e sua riqueza.

LXXII

Este Rei tão excelente,
De quem tomei minha teima,
Não é de casta Goleima,
Mas de Reis primo, e parente.

Vem de mui alta semente
De todos quatro costados,
Todos Reis de primos grados
De Levante até ao Poente

LXXIII

Serão os Reis concorrentes,
Quatro serão, e não mais;
Todos quatro principais
Do Levante ao Poente.
Os outros Reis mui contentes
De o verem Imperador,
E havido por Senhor
Não por dádivas, nem presentes.

LXXIV

Comendadores, Prelados,
Que as Igrejas comeis,
Traçareis, e volvereis
Por honra dos três Estados,
E os mais serão taxados;
Todos contribuirão
E haverá grão confusão
Em toda a sorte de estados.

LXXV

Já o Leão é experto
Mui alerta.
Já acordou, anda caminho.
Tirá cedo do ninho
O porco, e é mui certo.
Fugirá para o deserto,
Do Leão, e seu bramido,
Demonstra que vai ferido
Desse bom Rei Encoberto.

LXXVI

Uma porta se abrirá
Num dos Reinos africanos,
Contraria aos Arrianos,
Que nunca se cerrará.
A vaca receberá
A nova gente que vem,
Com prazer de tanto bem

Seu leite derramará.

LXXVII

A lua dará grão baixa,
Segundo o que se vê nela,
E os que tem Lei com ela:
Porque se acaba a taxa.
Abrir se há aquela caixa,
Que até agora foi cerrada,
Entregar se há à forçada
Envolta na sua faixa.

LXXVIII

Um grão Leão se erguerá,
E dará grandes bramidos;
Seus brados serão ouvidos,
E a todos assombrara;
Correrá, e morderá
E fará mui grandes danos,
E nos Reinos africanos
A todos sujeitará.

LXXIX

Passará, e dará bocado
Na terra da Promissão,
Prenderá o velho Cão,
Que anda mui desmandado.

LXXX

De perdões, e orações
Irá fortemente armado,
Dará neles S. Tiago,
Na volta que faz depois.

LXXXI

Entrara com dois pendões
Entre os porcos sedeudos,
Com fortes braços, e escudos
De seus nobres Infanções.

INTRODUZ O AUTOR POETICAMENTE DOIS JUDEUS, QUE VEM BUSCAR O PASTOR MOR UM CHAMADO FRAIM, E OUTRO DÃO, E ACHAM FERNANDO OVELHEIRO À PORTA

FRAIM

LXXXII

Dizei, Senhor, poderemos
Com o grão Pastor falar?
E daqui lhe prometemos
Ricas joias que trazemos
Se no-las quiser tomar.

FERNANDO

Judeus que lhe haveis de dar?

JUDEUS

LXXXIII

Dar-lhe-emos grande tesouro
Muita prata, muito ouro,
Que trazemos de além mar.
Far-nos-eis grande mercê
De nos dardes vista dele.

FERNANDO

LXXXIV

Entrai, Judeus, se quereis,
Bem podeis falar com ele,
Que lá dentro o achareis.

LXXXV

Tomará com seu poder,
E grão saber,
Todos os portos de alem,
Marrocos, e Tremecem,
E Fez também:
Fará tudo a seu querer,
Vi-lo-ão a cometer
Pelo deter,
Que querem ser tributários,
E lhe querem dar dinheiros,
Lisonjeiros,
Os quais não deve querer.

LXXXVI

E depois da Embaixada
Declarada,
Antes que cerrem quarenta,
Erguer se há a grão tormenta,

Do que intenta,
E logo será amansada,
E tomarão a estrada
De calada,
Não terão quem os afoite,
Dar lhe hão aquela noite
Tal açoite,
Que a Fe seja exalçada.

LXXXVII

Já o tempo desejado
É chegado,
Segundo o firmal assenta:
Já se cerram os quarenta,
Que se ementa,
Por um Doutor já passado.
O Rei novo é alevantado,
Já dá brado;
Já assoma a sua bandeira
Contra a Grifa parideira,
La gomeira,
Que tais prados tem gostado.

LXXXVIII

Saia, saia esse Infante
Bem andante,
O seu nome é D. João,
Tire, e leve o pendão,
E o guiam
Poderoso, e triunfante.
Vir lhe hão novas num instante
Daquelas terras prezadas,
As quais estão declaradas,
E afirmadas
Pelo Rei dali em diante.

Veja se ao princípio a advertência do primeiro Editor da maneira, como este Verso se lia errado em alguns manuscritos por incúria de alguns copistas, e equivocação das duas letras.

LXXXIX

Não acho ser deteudo
O agudo,
Sendo ele o instrumento,

Não acho, segundo sento
O Excelente
Ser falso no seu Escudo.
Mas acho, que o Lanudo
Mui sisudo,
Que arrepeará o gato,
E far-lhe-á murar o rato,
De seu fato
Leixando o todo desnudo.

XC
Não tema o Turco, não
Nesta sezão,
Nem o seu grande Mourismo,
Que não recebeu batismo,
Nem o crismo,
É gado de confusão.
Firmal põe declaração
Nesta tenção,
Chama lhe animais sedentos
Que não tem os mandamentos,
Nem Sacramentos;
Bestiais são, sem razão.

XCI
Em que venham mais, e mais
Dos bestiais,
Pelo que mostra a figura,
Haverão a sepultura
Da amargura,
Como brutos animais.
Que se o texto bem olhais,
E declarais
Com fundas serão feridos,
Todos mortos, confundidos
Nos abismos infernais.

XCII
As chagas do Redentor,
E Salvador
São as armas de nosso Rei:
Porque guarda bem a Lei,
E assim a grei
Do mui alto Criador.

Nenhum Rei, e Imperador,
Nem grão Senhor
Nunca teve tal sinal,
Como este por leal,
E das gentes guardador.

XCIII

As armas, e o pendão,
E o guiam
Foram dadas por vitória
Daquele alto Rei da glória
Por memória
A um Santo Rei barão.
Sucedeu a El Rei João,
Em possessão
O Calvário por bandeira,
Levá-lo há por cimeira,
Alimpará a carreira
De toda a terra do Cão.

SONHO SEGUNDO

XCIV

Oh! quem tivera poder
Para dizer,
Os sonhos que o homem sonha!
Mas hei medo, que me ponha
Grão vergonha
De mos não quererem crer.
Vi um grão Leão correr
Sem se deter
Levar sua viagem,
Tomar o porco selvagem
Na passagem,
Sem nada lho defender.

XCV

Tirá toda a escorta
Será paz em todo o Mundo,
De quatro Reis o segundo
Haverá toda a vitória.

XCVI

Será dele tal memória
Por ser guardador da Lei,
Pô-las Armas deste Rei
Lhe darão triunfo, e glória.

XCVII

Trinta e dois anos e meio
Haverá sinais na terra;
A Escritura não erra;
Que aqui faz o conto cheio.

XCVIII

Um dos três que vão arreio
Demonstra ser grão perigo;
Haverá açoite, e castigo
Em gente que não nomeio.

XCIX

Já o tempo desejado
É chegado
Segundo o firmal assenta
Já se passam os quarenta
Que se ementa
Por um Doutor já passado.
O Rei novo é acordado
Já dá brado:
Já arressoa o seu pregão
Já Levi lhe dá a mão
Contra Siquém desmandado.
E segundo tenho ouvido,
E bem sabido,
Agora se cumprirá:
A desonra de Dina
Se vingará
Como está prometido.

C

O Rei novo é escolhido,
E elegido,
Já alevanta a bandeira
Contra a Grifa parideira
Que tais pastos tem comido;
Porque haveis de notar,
E assentar,

Aprazendo ao Rei dos Céus
Trará por ambas as Leis,
E nestes seis
Vereis cousas de espantar.

CI
O néscio quer afirmar,
E declarar
Desde seis até setenta
Que se ementa,
Do Rei que irá livrar.
Louvemos este Barão
Do coração,
Porque é Rei de Direito;
Deus o fez todo perfeito
Dotado de perfeição.

CII
Este Rei tem um Irmão,
Bom Capitão.
Não se sabe a irmandade?
Todo é nobre, em bondade;
E na verdade
Que sairá, com o pendão.

CIII
Muitos estão desejando,
E altercando,
Se o meu dito será certo,
Se de longe, se de perto?
E sobre o tal praticando.
Aquele grão Patriarca
No-lo mostra, e está falando,
E declara o grão Monarca:
Ser das terras, e comarca,
Semente del-Rei Fernando.

CIV
Este Rei de grão primor,
Com furor,
Passará o mar salgado
Em um cavalo enfreado,
E não selado,
Com gente de grão valor.

CV

Este diz, socorrerá,
E tirará,
Aos que estão em tristura.
Deste, conta a Escritura,
Que o campo despejará,
Os Fidalgos estimados,
E desprezados,
Que até agora são corridos,
Com o tal serão erguidos,
E mui queridos,
E com os Reis estimados.

CVI

Se lerdes as Profecias
De Jeremias,
Irão dos cabos da terra
Tomar os Vales, e Serra,
Pondo guerra,
E tirar as heresias,
Derrubar as Monarquias,
E fantasias
Serão bem apontadas,
Serão todas derrubadas,
Desconsoladas
Fora da possentadorias.

CVII

Ainda mas profetizando,
E declarando:
Seus pequenos das manadas,
Derrubar lhe hão as moradas
Bem entradas,
E assim o vai mostrando.
Já o Leão vai bradando,
E desejando
Correr o porco selvagem,
E tomá-lo há na passagem
Assim o vai declarando.

CVIII

Muitos podem responder,

E dizer:
Com que prova o sapateiro
Fazer isto verdadeiro,
Ou como isto pode ser?
Logo quero responder
Sem me deter.
Se lerdes as Profecias
De Daniel e Jeremias
Por Esdras o podeis ver.

SONHO TERCEIRO

CIX
Oh! quem pudera dizer,
Os sonhos que o homem sonha!
Mas eu hei grão vergonha
De mos não quererem crer.

CX
Sonhava com grão prazer,
Que os mortos ressuscitavam,
E todos se alevantavam,
E tornavam a renascer.

CXI
E que via aos que estão
Trás os rios escondidos;
Sonhava, que eram saídos
Fora daquela prisão.

CXII
Vi ao Tribo de Dão
Com os dentes arreganhados,
E muitos despedaçados
Da Serpente, e do Dragão.

CXIII
E também vi a Rubem
Com grão voz de muita gente,
O qual vinha mui contente
Cantando, Jerusalém.

CXIV

Oh! quem vira já Belém
E esse monte de Sião
E visse o Rio Jordão
Para se lavar mui bem!

CXV
Vi também a Simeão
Que cercaua, todas as partes
Com bandeiras, e estandartes
Neftalim, e Zabulão.

CXVI
Gade vinha por Capitão
Desta gente que vos falo,
Todos vinham a cavalo
Sem haver um só pião.

CXVII
Eu por mais me afirmar,
E ver se estava acordado
Vi um velho mui honrado,
Que me vinha a perguntar.

CXVIII
Dize me, tu és de Agar,
Ou como falas Chananeu?
Ou és porventura Hebreu
Dos que nos vimos buscar?

CXIX
Tudo o que me perguntais
(Respondi assim dormente)
Senhor, não sou dessa gente,
Nem conheço esses tais.

CXX
Mas segundo os sinais
Vós sois do povo cerrado,
Que dizem estar ajuntado
Nessas partes Orientais.

CXXI
Muitos estão desejando
Serem os povos juntados:

Outros muitos avisados
O estão arreceando.

CXXII

Arreçam vir no bando
Esse Gigante Golias
Mas por ver Enoque, e Elias
Doutra parte estão folgando.

CXXIII

Dizei-me, nobre Barão,
Pergunto, se sois contente
Dizer me vossa semente
Se é da casa de Abrahão?

CXXIV

Que eu sã dessa geração
Saí do Tribo de Levi,
Sacerdote como Eli,
O meu nome é Arão.

CXXV

Eu quisera lhe responder,
E tocar lhe em a Lei,
Senão nisto acordei,
E tomei grande prazer.

CXXVI

E depois de acordado
Fui a ver as Escrituras,
E achei muitas pinturas
E o sonho afigurado.

CXXVII

Em Esdras o vi pintado,
E também vi Isaías,
Que nos mostra nestes dias
Sair o povo cerrado.

CXXVIII

O qual logo fui buscar
A Got, Magot, e Ezequiel,
As Domas de Daniel
Comecei de as olhar;

E achei no seu cantar
Segundo o que representa;
E assim Gade, como Agar,
Que tudo se há de acabar
Dizendo: Cerra os setenta.

RESPOSTA DO BANDARRA A ALGUMAS PERGUNTAS, QUE LHE FIZERAM, E DA RESPOSTA DELAS SE CONHECEM QUAIS FORAM

CXXIX

Os tempos que já se vem
Porque, Senhor, perguntais,
Mui grande segredo tem,
Que muitos dizem Amém,
Mais se calam mais e mais.

CXXX

O mais está por cumprir,
O que a minha conta soma:
Porque de partir a vir
O texto se há de cumprir
Primeiro, Senhor, em Roma.

CXXXI

E nestes trezentos dias,
Senhor, que agora contamos
Se contém as Profecias
De Daniel, e Jeremias,
Nas quais agora entramos.

CXXXII

E depois de elas entrarem
Tudo será já sabido,
Aqueles que aos seis chegarem,
Terão quanto desejarem,
E um só Deus será conhecido.

CXXXIII

Convosco falo estas cousas,
Como com um grande letrado,
As umas são perigosas,
E as outras duvidosas
Ainda não hão começado.

CXXXIV

Antes destas cousas serem
Desta era que dizemos,
Mui grandes cousas veremos,
Quais não viram os que viveram,
Nem vimos, nem ouviremos.

CXXXV

Saíra o prisioneiro
Da nova gente que vem,
Dessa Tribo de Rubem,
Filho do Jacob primeiro
Com tudo o mais que tem.

CXXXVI

O mocho está assobiando,
Dizendo e chamando bois,
E com medo de depois,
Tudo se está arreceando.

CXXXVII

Os dois bois estão berrando,
Pelo tirar da barroca,
Que não entre na sua toca
O Bufo, que esta bufando.

CXXXVIII

Acho em as Profecias
Que a terra tremerá
E como abóbada soará
Quando faz harmonias.

CXXXIX

Dizem, que nos últimos dias,
Que aquestas cousas serão
A vinte e quatro acharão
Este dito de Isaías.

CXL

Vejo os lobos comer
As ovelhas degoladas,
As vacas mortas montadas
E os cordeiros gemer.

CXLI

Não deve a terra tremer
Mas fundir se sem tardança,
Pois os que tem a governança
Os não querem defender.

CXLII

Vejo o mundo em perigo,
Vejo gentes contra gentes;
Já a terra não dá sementes,
Senão favacas por trigo.

CXLIII

Já não nenhum amigo,
Nenhum tem o ventre são,
Somos já vento soam,
Que não tem nenhum abrigo.

CXLIV

Vejo quarenta e um ano
Pelo correr do cometa,
Pelo ferir do planeta
Que demonstra ser grão dano.

CXLV

Vejo um grande Rei humano
Alevantar sua bandeira,
Vejo como por peneira
A Grifa morrer no cano.

CXLVI

Vejo o lobo faminto
Concertado c'os rafeiros:
Os pastores, e ovelheiros
São de um consentimento.

CXLVII

Acho cá no instrumento,
Que virá um contador
Tomar conta ao pastor
E pagará um por cento.

CXLVIII

Revolvi o meu canhenho
Sobre este forte barão,
Não lhe acho nenhum senão;
Dizer dele muito tenho.

CXLIX

Vejo um alto engenho
Em uma roda triunfante,
Vejo subir um Infante
No alto de todo o lenho.

CL

Vejo erguer um grão Rei
Todo bem aventurado,
E será tão prosperado,
Que defenderá a grei.

CLI

Este guardará a Lei
De todas as heresias,
Derrubará as fantasias,
Dos que guardam, o que não sei.

CLII

Vejo sair um fronteiro
Do Reino detrás da serra,
Desejoso de por guerra
Esforçado cavaleiro.

CLIII

Este será o primeiro,
Que porá o seu pendão
Na cabeça do Dragão,
Derrubá-lo há por inteiro.

CLIV

Acho, que depois virá
Às ovelhas um pastor
Mui manso, e bom guardador,
Que o fato reformará.

CLV

Este pastor lhe dará
A comer erva mui sã,

E de suas ovelhas, e lã
Ao mesmo Deus vestirá.

CLVI

Todos terão um amor,
Gentios como pagãos,
Os Judeus serão Cristãos,
Sem jamais haver erro.

CLVII

Servirão um só Senhor
Jesus Cristo, que nomeio,
Todos crerão, que já veio
O Ungido Salvador.

CLVIII

Tudo quanto aqui se diz,
Olhem bem as Profecias
De Daniel, e Jeremias,
Ponderem nas de raiz.

CLIX

Acharam, que nestes dias
Serão grandes novidades,
Novas leis, e variedades,
Mil contendias, e porfias.

TROVAS NUNCA IMPRESSAS

SEGUNDA PARTE

SEGUNDO CORPO DE TROVAS DO BANDARRA

Estas Trovas não vem no antecedente Exemplar impresso, mas consta por antiga memória muito autentica serem do mesmo Bandarra: foram extraídas de uma copia, que o Cardial Nuno da Cunha deu ao P. Fr. Francisco de Almeida. Provincial, que foi da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Provisor do Priorado do Crato, da Casa dos Condes de Avintes, e tio do Cardial D. Tomas de Almeida, primeiro Patriarca de Lisboa.

I

Levantei-me muito cedo,
Pus me na minha tripeça,
E lá de longe começa
Um bramido, que põem medo.

II

Vão todos como forçados,
Passam serras, e mais montes.
Secam se rios e fontes,
Tudo por nossos pecados.

III

Furo co'a minha sovela
Meto seda meto fio:
Quando far a neve, e frio,
Não há quem possa sofrê-la.

IV

Vejo a terra deserta,
E paredes levantadas:
Vou dando quatro pancadas
Na sola, quando se aperta.

V

Vejo a guerra na paz,
E muitos morrer no fosso:
Foge o cavalo, e o moço
Depois que o soldado jaz.

VI

Entre montes muito altos
Há uma casa sagrada:
Já não quero ver mais nada,
E vou batendo os meus saltos.

VII

Arranha me o gato? sape:
Olho outra vez da ladeira,
Deita se o cordão à geira,
Não acho por onde escape.

VIII

Com o trinchete aparo a sola
Furando com broca a vira:
Isto é que meu gosto aspira
Pois vejo o jogo da bola.

IX

Estão muitos paus armados
Que lá de longe se vem;
A quem não parecer bem,
Perca o ofício, e meta os gados.

X

Com o cerol encero o linho;
Puxo com torquês o couro;
Gasta se todo o tesouro
Para abrir novo caminho.

XI

Quando falho aos meus fregueses
Ficam descalços com mágoa:
Não são os reais para a água
Que se botaram nas reses.

XII

Vejo posta toda a gente
Trabalhando, sem comer:
Vejo os mortos a correr,
E os vivos jazer somente.

XIII

Trabalha todo o sandeu,

E também o nobre serve;
Na certã a carne ferve
Para Mouro, e Judeu.

XIV
O pobre morrendo à míngua;
Outros tem a arca cheia;
Chove na praça, e na areia,
Como água de seringa.

XV
Vou botando o meu remendo
Em quanto o Senhor se veste,
Uma terra assas agreste.
Estou entre serras vendo.

XVI
Nove letras tem o nome
Duas são da mesma casta:
Olhe qualquer como o gasta
Para não morrer de fome.

XVII
Na era de dois, e três
Depois e três conta mais
Haverá cousas fatais,
Vistas em nenhuma vez.

XVIII
Haverá tantos trabalhos,
Gritos, surras barrigadas,
Porem já sinto as pisadas
Lá para a banda dos malhos.

XIX
O povo suspira, e brama
Debaixo do seu chapéu;
Não se enxerga mais que o Céu
Quando a neve se derrama.

XX
Vejo por entre dois cabos
O couro que vou cozendo;
Já após outros vou vendo

Muitos mareantes bravos.

XXI

Já na carreira primeira
Entra a bandeira Real,
Ah! Portugal! Portugal!
Já lá vai tua canseira.

XXII

Dará a serpe tal Brado
Do ninho que jaz, e tem
Quando vir que outrem lhe vem
Tirar da vinha o cajado.

XXIII

Deixa os filhos mui depressa,
E outrem lhos guarda, e cria;
Vai caminhando sem guia,
Larga a coroa da cabeça.

XXIV

Subo me a o meu eirado,
Já não sinto matinada,
Fica a terra sossegada
O Encoberto declarado.

XXV

Abre se a porta do Templo,
Entra o cordeiro fiel,
Veste da casa o burel,
Dá a todos grande exemplo.

TERCEIRO CORPO DE TROVAS DO BANDARRA

Foram também achadas estas Trovas, que se seguem na Igreja de S. Pedro da Vila de Trancoso por ocasião de se desfazer a parede da Capela mor em 6 de Agosto do ano de 1729.; eram escritas em pergaminho em 1532 por letra do P. Gabriel João, da dita Vila de Trancoso, e vizinho do mesmo Bandarra. Domingos Furtado de Mendonça, Comissário do Santo Ofício lançou logo mão delas, mas não faltaram pessoas graves, e de qualidade, que as trasladaram, e deixaram a seus filhos.

INTRODUÇÃO

I

Em vos que haveis de ser quinto
Depois de morto o segundo,
Minhas Profecias fundo
C'o estas letras, que aqui pinto.

II

Inda o tronco está por vir,
Já vos vejo erguido cedro:
Pouco vai de Pedro a Pedro
Se a rama o tronco medir.

III

Fiz Trovas de ferro, e prata
Dignas de qualquer tesouro,
Hoje quanto faço é ouro
Que em vós, Senhor, se remata

IV

Não conto sapatarias
Que em outros tempos sonhei,
O que agora contarei
São mais altas Profecias.

V

A giesta não se trouxe,
Muito amarga o sargaço:
Tudo quanto agora faço
São bocados de erva doce.

VI

Faço Trovas muito inteiras
Versos mui bem medidos,
Que hão de vir a ser cumpridos
Lá nas eras derradeiras.

VII

Eu componho, mas não ponho
As letrinhas no papel,
Que o devoto Gabriel
Vai riscando, quanto eu sonho.

SONHO PRIMEIRO

VIII

Vejo, mas não sei se vejo;
O certo é, que me cheira,
Que me vem honrar à Beira
Um Grande do pé do Tejo.

IX

Formas, cabos, e sovelas
Lavradinhas com primor
Mandareis abrir, Senhor,
Muitos folgarão de vê-las.

X

Mas ai! que já vejo vir
O Presbítero maior
Arriscar todo o primor
Que outra vez há de surgir.

SONHO SEGUNDO

XI

Augurai, gentes vindouras
Que o Rei que daqui há de ir,
Vos há de tornar a vir
Passadas trinta tesouras.

XII

O Pastorzinho na serra
Grita que tenham cuidado,
Que se vai perdendo o gado
Por mais que gritando berra.

XIII

Desamparar o cortiço
Uma abelha mestra vejo;
As outras com muito pejo
Não tem asas para isso.

XIV

Irão tempos de lazeiras

Virão tempos de farturas
Os frades haverão tristuras
Por acudirem as freiras.

XV

Este sonho que sonhei
É verdade muito certa,
Que lá da Ilha encoberta
Vos há de chegar este Rei.

SONHO TERCEIRO

XVI

Sonhei, que estava sonhando,
Que passados cem Janeiros
Os Portugueses primeiros
Se levantarão em bando.

XVII

Ergue se a águia Imperial
Com os seus filhos ao rabo,
E com as unhas no cabo
Faz o ninho em Portugal.

XVIII

Põe um A pernas acima,
Tira lhe a risca do meio,
E por detrás lha arrima,
Saberás quem te nomeio.

XIX

Tudo tenho na moleira
O passado, e o futuro,
E quem for homem maduro
Há de me dar fé inteira.

XX

Vejo sem abrir os olhos
Tanto ao longe como ao perto;
Virá do mundo encoberto
Quem mate da águia os polhos.

SONHO QUARTO

XXI

Lá para as partes do Norte
Vejo como por peneira
Levantar uma poeira
Que nos ameaça a morte.

XXII

Vosso grande Capitão,
Ó povo errado, e perverso,
Já caminha com o terço,
E vós dormindo no chão?

XXIII

Na era que eu nomear
Terá fim a heresia;
Verás certa a Profecia,
Se bem souberes contar.

XXIV

Põe três tesouras abertas,
Diante um linhol direito,
Contaras seis vezes cinco,
E mais um, vai satisfeito.

XXV

Muito rijo bate o vento
Na parede da Igreja;
Alguém caída a deseja,
No levantar vai o tento.

XXVI

Mas ai! do calçado a obra
Logo requer o salário;
Porem não há muita sobra
Se não dobra o campanário.

SONHO QUINTO

XXVII

Vejo, vejo, dizer vejo

Andar a terra ao redor;
E o burburinho com dor
Revolve um, e outro sexo.

XXVIII

Rugia a porca do sino,
O sino não badalava,
A grimpa se revirava,
E o sino andava a pino.

XXIX

Meto a sovela nas viras,
E vejo pelo buraco
Os ossos de Pedro Jacó
No penedo das mentiras.

XXX

Que belamente que soam
As Profecias direitas!
Depois que forem perfeitas
Verão que a terra povoam.

XXXI

Doutos, e sandeus conhecem
Pelo volver das estrelas
Puras verdades mui belas,
Que inda os Judeus não merecem.

SONHO SEXTO

XXXII

Quando o sonho é verdadeiro
Dá se uma lei muito clara:
Sonho agora, que uma vara
Vai dando luz a um outeiro.

XXXIII

O outeiro é Portugal,
E a vara Castelhana;
Da minha pobre choupana.
Vejo esta vara Real.

XXXIV

Dará fruto em tudo santo,
Ninguém ousará a negá-lo,
O choro será regalo
E será gostoso o pranto.

XXXV

Bem cuidado, que já vem perto
O fim destas Profecias;
Passarão trezentos dias
Depois de eu ser descoberto.

XXXVI

Em dois sítios me achareis
Por desdita, ou por ventura,
Os ossos na sepultura,
E a alma nestes papéis.

XXXVII

Não há pedra sobre pedra,
Quando eu aqui for achado,
E as letrinhas do Letrado
Há trezentos anos queda.

BIOGRAFIA

Gonçalo Annes Bandarra ou ainda, Gonçalo Anes, o Bandarra, nasceu em Trancoso (Portugal), em 1500. Faleceu na mesma cidade no ano de 1556. Era sapateiro de profissão e dedicou-se à divulgação em verso de profecias de caráter messiânico. Tinha um bom conhecimento das escrituras do Antigo Testamento, do qual fazia as suas próprias interpretações, tendo composto uma série de "Trovas" falando sobre a vinda do Encoberto e o futuro de Portugal como reino universal. Por causa disso, foi acusado e processado pela Inquisição de Lisboa, desconfiada de que suas *Trovas* contivessem marcas de Judaísmo. Foi inquirido perante este tribunal, condenado a participar na procissão do auto-de-fé de 1541 e também a nunca mais interpretar a Bíblia ou escrever sobre assuntos da teologia. Apesar da grande aceitação de suas *Trovas* entre os cristão-novos, não se sabe ao certo se era ou não de ascendência judaica. Após o julgamento voltou para Trancoso, onde viria a morrer, provavelmente, em 1556. Suas "Trovas", em parte por conta do interesse despertado entre os cristãos-novos mas sobretudo por conta de seu sucesso após Alcácer-Quibir (1580), foram incluídas, no fim do séc. XVI, no catálogo de livros proibidos.

As *Trovas* circularam em diversas cópias manuscritas, apesar da interdição do Santo Ofício. Em 1603, D. João de Castro (neto sebastianista do famoso Vice-Rei da Índia Portuguesa homônimo editou-as e comentou-as numa obra impressa em Paris e intitulada "Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra". As *Trovas* foram interpretadas como uma profecia ao regresso do Rei D. Sebastião após o seu desaparecimento na Batalha de Alcácer-Quibir em Agosto de 1578. Em 1644, agora em Lion, aparece uma nova impressão, a primeira integral, patrocinada pelos apoiadores de D. João IV e defendendo que o "Restaurador" seria o verdadeiro "Encoberto" profetizado nas *Trovas*. Em 1665, foi novamente proibida pela Inquisição, que divulga um édito proibindo sua circulação. No século XVIII, novos corpos são adicionados às *Trovas*, supostamente descobertos em Trancoso. Acusando-as de serem maquinações dos jesuítas, em 1768, a Real Mesa Censória proíbe mais uma vez sua circulação, em decreto de que também interdita outra série de textos proféticos portugueses. Mesmo com todas as censuras, as *Trovas* continuam circulando e, em 1809, motivada pelas Invasões Napoleônicas, saiu uma nova reimpressão. Na sequência dessa edição, que ficou conhecida como de Barcelona, ainda que impressa em Londres, várias outras saíram num ressurgimento do sebastianismo motivado pelas crises política e social existentes em Portugal da primeira metade do século XIX. Nesse período, saem novas impressões em 1810, 1815, 1822, 1823, 1852. As *Trovas do Bandarra* influenciaram o pensamento sebastianista e messiânico de D. João de Castro, Padre Antônio Vieira, de Fernando Pessoa, entre outros.